

BEM-TE-VI

O DF TEM MAIS PODER DO QUE CULTURA

Nesta página, estamos publicando uma parte das entrevistas que fizemos (eu e Tânia Quaresma), semana passada, no Rio de Janeiro.

Na última segunda-feira, a equipe do Projeto Bem-Te-Vi começou a abordar - aqui no "CB" - a questão da cultura em Brasília, com uma matéria onde procurou dar voz aos interessados na discussão sobre o patrocínio da arte e da cultura locais. No entanto, percebemos que poderíamos ir mais fundo no assunto, se viajássemos até o Rio, onde atualmente moram artistas e intelectuais, que em outro

período, foram responsáveis pela formulação de uma política cultural para a cidade. Darcy Ribeiro - criador da UnB - e Ferreira Gullar - primeiro presidente da FCDF - são exemplos disto.

Durante cinco dias, de segunda a sexta-feira, cruzamos ruas, bares, repartições, casas e apartamentos no Rio, para falar com os entrevistados de gravador e máquina fotográfica em punho. Assim, além das entrevistas que estão nesta página, com Darcy Ribeiro, Denise Bandeira, Fagner e Ziraldo (o texto de Millôr foi enviado pelo correspondente no

Rio), publicaremos, na próxima segunda-feira, os depoimentos de Chacal, Tizuka Yamauchi, Wilson Aguiar Filho e ampla entrevista com o poeta Ferreira Gullar.

Para nós da equipe que fizemos este trabalho, não chegou a surpreender a constatação de que com o passar dos anos a cultura produzida pelos artistas locais vem enfrentando dificuldades crescentes, que inibem seu florescimento. A crise que é nacional associada a alguns aspectos típicos da cidade têm obrigado muitos artistas de Brasília a procurar as condições para desenvolver seus trabalhos em outros centros.

Depois de ter se empenhado em "mostrar a cidade para ela mesma", a equipe comunica que a série "Sob o céu de Brasília" está inscrita para ser exibida durante o Festival Internacional de Vídeo e Cinema, que se realizará no Rio de Janeiro de 17 a 25 de novembro próximo. A iniciativa da inscrição foi da "Sky Light", que desta forma contribuirá para divulgar a verdadeira Brasília para um público mais amplo e que está habituado a confundir apenas com o cenário onde se encontra o poder político e administrativo do País. (Jorge Frederico)

**DENISE
BANDEIRA**



(atriz de cinema,
teatro e televisão)

Fui para Brasília aos oito anos e de lá saí aos 23, depois de me formar em Sociologia, na UnB. Brasília foi construída e planejada com uma perspectiva superambiciosa. Naquela época, as melhores cabeças do País ou estavam em Brasília, ou estavam ligadas à cidade. Mas, depois com as mudanças políticas que o Brasil sofreu, muita gente que tinha crescido em Brasília, ou morado lá, ficou sem chão. Isto fez mal a muita gente. Quer dizer, sem o projeto cultural dos primeiros anos, essas pessoas se sentiram sem alento para continuar lá.

Quando voltei à Brasília, fico surpresa. Acho que Brasília hoje, do ponto de vista da arte e da cultura, tá uma pasmaceira, um marasmo. Me parece que qualquer iniciativa neste campo esbarra com o "Poder". E muita gente, se sentindo desestimulada, deixa a cidade. A iniciativa oficial tem se mostrado desinteressada de dar andamento ao projeto cultural que Brasília precisa. Quando converso com artista de Brasília, eu sinto isso. Porque em Brasília tem muita gente de talento, mas que só conseguiu se firmar depois que saiu de lá. Eu acho isso uma pena, mas tenho certeza que ficou um resíduo dos primeiros tempos na memória da cidade e isso pode levar a uma revitalização cultural, dependendo das circunstâncias.

A coisa que mais lamento é o desaparecimento daquela mentalidade que existia no começo da UnB. Aquilo de pensar o Brasil, produzir solução para seus problemas me encantava. Mas confio que isso vai ser retomado e Brasília vai voltar a florescer culturalmente.

FAGNER



(cantor e
compositor)

Morei um ano e meio em Brasília, justamente no período que comecei a ser conhecido como cantor e compositor, artista, enfim. Acho que as condições para a cidade ter uma cultura à altura do que ela merece existem. Mas quando estudei lá era na época do Médici e talvez por isso, eu já era louco pra sair de lá. O que eu sinto com relação à Cultura em Brasília é que o que existe lá agora, é só pra dizer que as artes não estão inteiramente paradas. Brasília é uma das cidades mais carentes do mundo, do ponto de vista da produção cultural. E agora com a crise, os problemas tendem a se agravar em todos os lugares, inclusive na capital do País. Continuo curioso em relação a Brasília, acho que os artistas mereciam ter mais espaço para criar.

ZIRALDO



(cartunista)

Não sei nada, não tenho nenhuma informação do que se produz, em termos de arte e cultura em Brasília. Se fosse morar em Brasília eu acho que enlouqueceria. Me parece que as pessoas que planejaram Brasília fizeram aquilo para temperamento delas. Mas tem gente que não gosta de lá. Pra criar filho acho que é um lugar muito bom; mas eu sinto falta de rua, de esquina... Brasília não tem um centro. Acho que culturalmente uma Feira Nacional de Arte e Cultura seria muito importante para Brasília. Seria uma maneira do resto do País se voltar para sua capital, sem ter a única preocupação de conhecer fatos políticos.

Outra coisa que poderia ser feita é acionar o esquema de fundações. Pra pais capitalista a única saída é a fundação, como nos Estados Unidos. Lá, a gente vê as grandes empresas financiando os intelectuais, mesmo os que metem o pau, como é o caso de Norman Mailer, do James Baldwin... Brasília devia ser uma síntese do Brasil.

PROJETO BEM-TE-VI, APOIO

CABECAS-Centro Brasiliense de Arte e Cultura.

Fundação Nacional Pró-Memória

AGRADECIMENTOS

Fundação Cultural do DF

Corpo de Bombeiros do DF

Especialmente ao Ten. Erlélio

GARVEY PARK HOTEL

SHARP

EQUIPE DO PROJETO BEM-TE-VI

Coordenação Geral: Tânia

Quaresma

Editor de Texto: Jorge Fre-

derico

Imagens: Alexandre Quares-

ma

Equipe de Produção: Ana

Evelyn

Geralda Magela

Flávio Geralda Magela

Direção Musical: Fernando

Corbal

Coreógrafo: Luis Mendonça

Correspondente no Rio de

Janeiro: Chico Miranda

Mascote: Marcel

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantes. Como os de Hong Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias tivemos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaría e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito

às metrópoles? No caso es-

pecífico de Brasília? Pode-

se humanizar essa cidade,

trazendo o povo pra rua (ti-

ve a sensação de que o povo

de Brasília existia, pela

primeira vez, nos últimos

acontecimentos políticos —

uma emocionada sensa-

ção) Inventar as esquinas

que o urbanismo esqueceu,

deixar que alguém, por um

erro maravilhosamente hu-

mano, possa fazer um beco

sem saída arquitetônico.

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantes. Como os de Hong Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias tivemos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaría e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito

às metrópoles? No caso es-

pecífico de Brasília? Pode-

se humanizar essa cidade,

trazendo o povo pra rua (ti-

ve a sensação de que o povo

de Brasília existia, pela

primeira vez, nos últimos

acontecimentos políticos —

uma emocionada sensa-

ção) Inventar as esquinas

que o urbanismo esqueceu,

deixar que alguém, por um

erro maravilhosamente hu-

mano, possa fazer um beco

sem saída arquitetônico.

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantes. Como os de Hong Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias tivemos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaría e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito

às metrópoles? No caso es-

pecífico de Brasília? Pode-

se humanizar essa cidade,

trazendo o povo pra rua (ti-

ve a sensação de que o povo

de Brasília existia, pela

primeira vez, nos últimos

acontecimentos políticos —

uma emocionada sensa-

ção) Inventar as esquinas

que o urbanismo esqueceu,

deixar que alguém, por um

erro maravilhosamente hu-

mano, possa fazer um beco

sem saída arquitetônico.

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantes. Como os de Hong Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias tivemos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaría e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito

às metrópoles? No caso es-

pecífico de Brasília? Pode-

se humanizar essa cidade,

trazendo o povo pra rua (ti-

ve a sensação de que o povo

de Brasília existia, pela

primeira vez, nos últimos

acontecimentos políticos —

uma emocionada sensa-

ção) Inventar as esquinas

que o urbanismo esqueceu,

deixar que alguém, por um

erro maravilhosamente hu-

mano, possa fazer um beco

sem saída arquitetônico.

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantes. Como os de Hong Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias tivemos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaría e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito

às metrópoles? No caso es-

pecífico de Brasília? Pode-

se humanizar essa cidade,

trazendo o povo pra rua (ti-

ve a sensação de que o povo

de Brasília existia, pela

primeira vez, nos últimos

acontecimentos políticos —

uma emocionada sensa-

ção) Inventar as esquinas

que o urbanismo esqueceu,

deixar que alguém, por um

erro maravilhosamente hu-

mano, possa fazer um beco

sem saída arquitetônico.

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantes. Como os de Hong Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias tivemos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaría e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito

às metrópoles? No caso es-

pecífico de Brasília? Pode-

se humanizar essa cidade,

trazendo o povo pra rua (ti-

ve a sensação de que o povo</p